Capítulo 01

O Monólogo

Ato 1

Tommy estava deitado sobre a cama daquele hotel barato quando o homem com quem acabara de transar saiu do banheiro enrolado em uma tolha branca na altura da cintura. O relógio quadrado no criado-mudo já marcava duas e quinze da madrugada e o tempo parecia passar tão rápido quanto o cigarro em seus lábios queimava.

— Seu dinheiro está embaixo da camisa — disse o homem, apontando para uma camiseta preta jogada no carpete bege.

O garoto se inclinou e pegou o rolo de notas esverdeadas. Em movimentos ágeis com os dedos ele contou 700 dólares e encarou o homem com um sorriso.

— Você merece um pouco mais — disse ele, também sorrindo, enquanto vestia a cueca.

Phil era um de seus clientes fiéis. Casado, pai de dois adolescentes e podre de rico. No auge de seus 50 anos, era um homem atraente, alto e corpulento, com uma barba curtinha, cabelos grisalhos e pelos no peito. Normalmente, era o tipo de homem por quem Tommy sentiria tesão, mas o sexo com ele era quase sempre uma experiência frustrante. Nada que sete notas de cem dólares não resolvessem.

— Obrigado, Phil.
— Você pensou na minha proposta? — Ele subiu a calça social.

Tommy riu e se levantou da cama, com o cigarro em mãos. Ele caminhou até a janela, observou a rua vazia por entre as persianas e deu um longo trago. Em seguida se virou.

— Você sabe que é loucura — disse, soltando toda a fumaça pela boca.

Phil o fitou de cima a baixo, sentindo-se provocado, e o garoto conseguiu ver o volume do seu pau aumentar dentro da calça. Tommy não poderia culpá-lo, era um rapaz extremamente atraente. Seu corpo magro, mas com braços levemente musculosos, uma barriga chapada e coxas grossas, definitivamente chamava atenção. Seu pau tinha um tamanho médio, nada demais, e sua bunda era esteticamente perfeita, firme e redonda.

Ele era, definitivamente, alguém especial.

Em seu rosto angelical, de olhos azuis e cabelos loiros curtinhos, por vezes, havia uma feição instigante, misteriosa.

E ali estava ele, completamente nu, fumando um cigarro. Às vezes, para certos homens, era impossível não se apaixonar por um garoto provocante quanto ele. E Tommy amava se sentir desejado, não podia evitar.

Após vestir toda a roupa, Phil se aproximou e envolveu seus braços ao redor da cintura dele, dando-lhe um beijo no pescoço.

— Até o seu cheiro me deixa louco, sabia?

Tommy se afastou para colocar seu cigarro sobre o cinzeiro no criado-mudo e então começou a vestir sua roupa, um micro short de cetim azul-bebê e uma regata branca.

— É Chanel.
— Um dia você ainda me deixa de quatro por você, garoto.
— Eu sei que você prefere o contrário — disse Tommy ao se levantar, tocando o pau do homem por cima da calça.

Phil deu-lhe um beijo de despedida e apanhou a chave do quarto no criado-mudo.

— Onde você quer que eu te deixe?
— Só me leve de volta.

***

Quando desceu da Mercedes preta, Tommy deu a volta pela frente e parou ao lado dele, inclinando-se sobre a janela do carro.

— Te vejo semana que vem? — Perguntou o homem.
— Você sabe onde me achar — respondeu o garoto.
— Se cuida, Tommy.

O vidro subiu e ele foi embora, seu luxuoso sedan entrou à esquerda na esquina seguinte e Tommy atravessou a avenida sem pressa, já que o semáforo estava fechado. Considerando que já passava das duas e meia, o movimento naquela parte podia ser considerado relativamente grande, a avenida ficava em um ponto estratégico, berço de diversos bares e boates.

Havia um grupo de três garotas na esquina, usando roupas curtas e joias brilhantes. Ao vê-lo chegando, Susie, a garota magra, de pele negra e cabelo afro, jogou seu cigarro no chão e o pisou com a sola da bota azul-marinho. Ela abriu um sorriso ao perceber que ele parecia feliz.

— Quanto conseguiu? — Ela perguntou, quando o garoto se aproximou, fazendo as outras duas perceberem a presença dele.

Ele tirou o dinheiro do bolso do short e sacudiu na frente do rosto dela.

— Quanto tem aí? — Perguntou Lola, com um belo sotaque brasileiro.
— 700 dólares — ele respondeu, guardando o dinheiro dentro da cueca —, acho que meu aluguel *tá* pago.
— Quem me dera conseguir um desses, ele não sai do teu pé — disse a terceira garota, Zoe.
— Ele tem me mandando umas mensagens estranhas, me pergunto se ainda está casado.
— Esse tipo de gente faz muita merda para manter as aparências... acredite, ele provavelmente continua casado — comentou Susie, acendendo mais um cigarro.
— Ele me fode, depois dirige até Beverly Hills e deita na cama ao lado da esposa, é uma rotina perfeita, será que não está satisfeito? Estou cansado de homens que se apegam, é tão difícil assim de resistir a esse corpão? — Brincou.

O coro de risadas entre os quatro foi interrompido pela brusca freada de um carro do outro lado da rua, atraindo o olhar dos curiosos. Era um sedan simples, branco, de onde saía uma garota negra de longos cabelos trançados. Ela bateu a porta com força e o motorista arrancou, queimando pneu no asfalto.

— Filho da puta! — Gritou a garota, visivelmente bêbada.
— Mas o que porra... — disse Lola, atravessando a rua rapidamente para acolhê-la.

Ela se agachou e tirou os saltos, segurando-os na mão direita.

— Bambi, o que houve?
— Homem fazendo merda, como sempre — resmungou, cambaleando.
— Ele te machucou? — Perguntou Susie.
— Não, ele levou o meu dinheiro, desgraçado do caralho.
— Eu já estou indo, vamos comigo, te deixo em casa — disse Tommy, quando elas subiram na calçada.

As garotas voltaram a conversar normalmente, não era a primeira vez que Bambi voltava daquela forma. Tinha um temperamento forte e por isso acabava entrando em mais brigas do que gostaria.

Ela sentou no meio fio e ali permaneceu enquanto ele pedia um Uber.

***

Depois de subir três lances de escada, Tommy finalmente entrou no seu apartamento. Fechou a porta atrás de si e finalmente o mundo lá fora se calou. Estava tudo apagado, deixando a iluminação do apartamento por conta das luzes da cidade que entravam pelas grandes janelas de vidro.

A sala era pequena, com piso de madeira e paredes de tijolos vermelhos, havia um sofá vermelho no canto direito, perto de uma das janelas, e um tapete um pouco mais escuro embaixo. Tinha também um pequeno móvel retangular de madeira do outro lado, perto da porta, onde Tommy geralmente deixava itens aleatórios.

Ele jogou as chaves sobre o móvel e entrou no seu quarto, a primeira das duas portas na longa parede até o final da cozinha, separada da sala apenas por um balcão de mármore. Tommy não precisou acender nenhuma lâmpada, pois a cortina aberta permitia que a luz da cidade clareasse o suficiente.

Sentou-se na cama e começou a se despir. Completamente nu, apanhou um isqueiro e um pequeno cigarro de maconha dentro do criado-mudo e acendeu, em seguida, deitou com o antebraço por baixo da cabeça e encarou o teto enquanto tragava lentamente, sentindo uma súbita sensação de nervosismo invadir seu corpo, a qual o baseado daria conta de levar embora em poucos minutos.

Fazia dois meses desde sua última audição. Desastrosa, diga-se de passagem.

Talvez ele tivesse se acomodado com o dinheiro fácil que ganhava nas ruas. Fácil porque ele não tinha nada a perder e embora muitos considerassem um trabalho perigoso e malvisto, ele não achava. Além disso, era o que pagava suas contas, já que seu emprego

de segunda a sábado em um café minúsculo em Beverly Hills não era suficiente para suprir o estilo de vida pelo qual ele havia adquirido gosto, principalmente depois de conseguir cientes fieis que lhe recompensavam com cada vez mais dinheiro.

É claro que o que ele realmente queria era uma vida de *glamour*, desde pequeno, seu sonho era ser famoso e estampar diversas revistas. Talvez fosse somente uma válvula de escape para a realidade sombria que ele sempre viveu, mas Tommy era um garoto ambicioso e esse sonho era tudo o que almejava alcançar.

De repente, começou a pensar em Phil e nos outros muitos homens com quem havia transado por dinheiro. Nenhum deles chegava perto de satisfazê-lo sexualmente e, para falar a verdade, a grande maioria era formada por homens de idade insatisfeitos com seus casamentos. Ele não esperava que eles o fizessem gozar, tudo o que esperava era dinheiro e presentes, cada vez mais caros e brilhantes.

A única coisa que eles satisfaziam era seu ego. Tommy amava se sentir adorado, ele adorava ser o centro das atenções, colocado em um pedestal e tratado como um ídolo. Aqueles homens proporcionavam exatamente isso.

Mas ele queria mais.

Precisava de alguém perfeito, mas já havia entendido há muito tempo que isso não poderia acontecer nem em um milhão de anos, já havia aceitado que a única pessoa capaz de lhe dar o mundo era ele mesmo, isso o tornou um garoto confiante e independente, mas ao mesmo desenvolveu um sentimento de apatia com relação às pessoas. Tommy não ligava muito para elas, ele não conseguia se apegar ou ligar para ninguém além de si mesmo.

Por outro lado, a ideia de ter alguém enrolado no seu dedo, sob seu domínio — ou contrário —, soava excitante.

Ele abriu um pequeno sorriso pensando na possibilidade e sentiu seu pau endurecer aos poucos. De repente, a imagem de um homem completamente nu veio à mente. Não muito musculoso, mas másculo o suficiente, com tatuagens nos braços e alguns pelos no peito e barriga. Seu rosto era como um borrão, Tommy não conseguia visualizá-lo, mas o corpo estava bem nítido.

Depois de alguns minutos, o garoto fechou os olhos e começou a se tocar. Com a mão direita, fazia movimentos suaves no membro enrijecido, com a esquerda, dava lentas tragadas no cigarro de maconha, que àquela altura, já estava em seu último suspiro, começando a queimar a ponta dos dedos.

Quando colocou o resto do baseado no cinzeiro, com a mão esquerda pôs-se a passear pelo seu próprio corpo, deslizando sobre o abdômen liso e descendo até as coxas. De repente, levantou o joelho direito e levou dois dedos, umedecidos com saliva, até seu ânus, massageando suavemente até deslizá-los para dentro.

À medida que sua imaginação evoluía, ele aumentava a velocidade. Um pequeno gemido, acompanhado uma pequena contração muscular, antecederam o momento em que ele gozou, sujando o abdômen até a extensão do peito.

Enquanto sua respiração ofegante voltava ao normal, ele fechou os olhos e ali permaneceu até cair no sono, não muito tempo depois.

Algumas poucas horas se passaram até que a luz do sol entrou pelas brechas da persiana na enorme janela do quarto, ele despertou achando que estava atrasado. Alcançou o celular no criado-mudo para checar a hora e percebeu que poderia ficar calmo, ainda faltavam pelo menos duas horas para começarem as audições.

Mesmo assim, o caminho até lá poderia ser demorado, então ele se apressou.

Vinte minutos depois, Tommy estava caminhando até o ponto de ônibus próximo ao seu prédio. Vestia uma camiseta preta lisa por dentro da calça jeans clara de cintura alta, envolta em um cinto da mesma cor da camisa. Os Adidas brancos e uma mochila cinza completavam o conjunto.

O caminho de uma hora até o endereço que ele recebeu foi tranquilo. Ele teve a impressão de que o ônibus andou mais rápido que o normal, talvez fosse a ansiedade.

Os minutos finais de Vogue, da Madonna, tocavam no seu fone de ouvido quando ele chegou ao destino final. Parado em frente ao belo prédio de seis andares, cuja arquitetura cheia de blocos de vidro espelhado causou admiração, Tommy guardou o fone, ajeitou o cabelo e, enfim, atravessou a rua.

Instantes depois, após cruzar um enorme *hall* de entrada e pedir informações à simpática recepcionista, ele adentrou um corredor não muito largo no quinto andar. No final, próximo ao bebedouro, havia uma fila de cadeiras brancas, onde estavam sentados seus concorrentes, quatro garotos muito parecidos.

O papel era para interpretar o namorado da filha de um assassino em uma série de suspense da HBO, nada que durasse mais que cinco cenas dentro de um episódio, mas era definitivamente algo maior do que os comerciais de TV que ele era acostumado a estrelar.

As audições dos garotos demoraram de dez a quinze minutos. Tommy observou cada um dos quatro entrar e sair, todos com uma expressão de satisfação no rosto, de trabalho bem feito. Havia dois novos candidatos à espera quando a moça de cabelos ruivos e óculos de armação redonda saiu da sala chamando pelo nome dele.

— Thomas Baker — ela falou, no mesmo tom de indiferença com o qual havia pronunciado o nome de todos os outros anteriores.

O garoto se levantou com a mochila nas costas e acompanhou a mulher até o interior da sala. Era um escritório médio, com grandes janelas de vidro e uma mesa retangular. Atrás dela estava sentado o diretor de elenco, um homem no auge dos seus 40 anos e cabelos levemente grisalhos.

Quando a moça loira se juntou a ele, o homem começou a falar.

— Então, Thomas, você tem 19?
— Sim.

Ele pegou um conjunto de folhas de papel em cima da mesa e entregou ao garoto.

— Esse é o monólogo.
— Ok.

Tommy pegou o papel e analisou as falas.

— Eu quero que você leia olhando para essa câmera — disse a mulher, apontando para o dispositivo ao lado da mesa, apoiado em um tripé.

Quando ela começou a gravar, fez um sinal com a mão e o garoto começou. Depois de algumas falas, foi interrompido.

— Tudo bem, já vimos o suficiente — disse o homem, com um sorriso irônico no canto dos lábios.
— O que houve, você não gostou? Eu posso fazer de novo.

Ele e a mulher se entreolharam por um instante e então ele suspirou.

— Você sabe que Johnny é um garoto heterossexual, certo?
— Sim, eu sei.

O homem riu.

— Então o que você está fazendo aqui?
— Como assim?
— Não nos leve a mal, Thomas, você é bom, mas não é isso o que estamos procurando para esse personagem em particular.
— Porque eu sou gay?
— Na verdade, sim.

Tommy ficou surpreso com a sinceridade. Perder um papel por esse motivo não era exatamente uma novidade, já havia acontecido outras vezes, mas eles nunca deixavam claro.

Ele conseguiu sentir seu rosto mudar para uma expressão de raiva rapidamente, enquanto aquelas duas pessoas o encaravam sem paciência.

Tommy engoliu em seco e pegou a mochila do chão. Ele poderia dizer tudo o que eles mereciam ouvir, mas sabia que aceitar e ir embora era uma alternativa mais inteligente, afinal, um surto de raiva seguido de um provável olho roxo na cara daquele homem poderia fazer mal à sua carreira no futuro.

— Obrigado — disse ele.

O garoto saiu da sala e cruzou o corredor sem nem olhar para os lados, enquanto algumas lágrimas ameaçavam cair em seu rosto. Tudo em que ele conseguia pensar era que Daniel Haydes estava, agora, em sua lista negra.

Quando deixou o prédio, não sabia muito bem para onde queria ir. As lágrimas começavam a rolar, então as enxugou com as costas da mão.

Ele já estava acostumado a não conseguir papeis, era comum na carreira de qualquer ator, mas não dessa forma. Hollywood era cruel, uma máquina de dinheiro com segredos sujos e o preço a se pagar pela fama poderia ser alto demais, mas Tommy estava disposto.

Capítulo 02

O Homem na Cafeteria

Já passava das dez naquela noite de domingo. Uma nuvem de fumaça flutuava pela sala enquanto os dois baseados acesos passavam pelas mãos das quatro pessoas ali sentadas. Tommy e Zoe no sofá e Lola e Susie no tapete felpudo.

A grande TV em frente aos quatro jovens estava sintonizada na cerimônia do Oscar, à qual eles assistiam atentos.

— Eu não posso acreditar que ela está vestindo Marchesa — disse Tommy, antes de dar uma longa tragada no baseado.
— Ah, para, o vestido é lindo — respondeu Zoe.

Ele olhou para a cara dela e soltou toda a fumaça que prendia na garganta.

— As mulheres de quem o Harvey abusou também são.
— Qual a relação?
— A esposa dele é presidente da marca, você não sabia? — Respondeu Lola
— Essa história me deixa nervosa até hoje — comentou Susie, sem tirar os olhos dos vestidos glamorosos que passavam na TV.

Tommy deu um longo suspiro e já piscava seus olhos mais lentamente, começando a ficar chapado.

— Nada me assusta em Hollywood — ele concluiu.
— Aliás, como foi a audição? — perguntou Zoe.
— Uma merda.
— Sério? O que aconteceu? — falou Susie e desta vez se virou para eles.
— Aparentemente, eles não me querem interpretando um garoto hétero — respondeu Tommy, rindo.
— Não acredito.
— Gente, a Cate Blanchett! — exclamou Lola.

Todos olharam atentos para a TV.

— Só eu que *tô* viajando com esse vestido dela? — perguntou Susie.
— Eu juro que essa é a mulher mais perfeita em quem eu já coloquei meus olhos — disse ela.
— É lindo, acho que é Dolce & Gabbana.
— Como você sabe tanto sobre moda? — perguntou Zoe.
— Vogue, Instagram... não sei.

Quando um dos baseados acabou — já era o segundo —, Lola colocou no cinzeiro do seu lado e então se levantou. Enquanto os outros permaneciam assistindo, ela caminhou até a cozinha, do outro lado do balcão, e abriu a geladeira.

— Nada gostoso, não estou surpresa.
— Eu ainda não fiz compras — respondeu o garoto.
— Não íamos pedir pizzas? — disse Zoe.
— Sim, e com sorte o entregador será o gostosinho que é a fim do Tommy — Susie brincou e então se virou para ele —, você deveria sair com ele.
— Eu não chupo paus de graça.

Lola riu alto da cozinha.

— Me pergunto o que cada uma dessas estrelas fez para chegar até aí — Zoe comentou.
— Teste do sofá — respondeu Susie.
— Nem todo mundo — disse Tommy —, alguns só tiveram sorte.
— Você faria? — perguntou Lola.
— Claro.
— Mas você acabou de dizer que não chupa paus de graça.
— Amor, isso não é de graça.

Eles riram novamente.

— Eu vou pedir nossas pizzas — disse ela, se esticando para alcançar o celular no balcão de mármore. — Serão duas, certo? Peperoni e brócolis, todos de acordo?

Todos assentiram com a cabeça e ela seguiu em frente, cruzando a sala para fazer a ligação no quarto, onde o barulho alto da TV não incomodaria.

— Roman Griffins — disse Tommy, do nada, enquanto encarava a TV com os olhos praticamente brilhando.
— O quê? — perguntou Susie.

Ele apontou para a TV e elas viram de quem ele estava falando, um homem alto e extremamente charmoso, com cabelos castanhos até pouco abaixo das orelhas e o conjunto de cavanhaque e bigode que combinava perfeitamente com seu rosto másculo.

— Esse é o homem para mim.
— Nossa, que delícia — comentou Susie. — Eu não o conheço, é de alguma série da Netflix?
— Ele é diretor famoso — respondeu o garoto. — Todos os seus filmes são ovacionados em Cannes, mas ele não é muito popular fora desse circuito, talvez seja excêntrico demais para eles, mas para mim é uma inspiração.
— Excêntrico? — perguntou Zoe.
— Os filmes dele são meio polêmicos e ele não é uma pessoa que pense duas vezes antes de falar. Os críticos o chamam de egocêntrico e pretensioso, eu o chamo de gênio.
— E eu chamo de gostoso do caralho — comentou Lola, bem na hora que voltou à sala e sentou no tapete.
— Um teste do sofá que eu definitivamente adoraria fazer — disse Tommy.

***

Segunda-feira novamente. Tommy estava deitado nu em sua cama, como sempre dormia, sem vontade nenhuma de levantar. Seus dedos passeavam pela tela do celular enquanto ele analisava atentamente um dos sites de testes de elenco no qual era cadastrado.

Nada.

Depois de um longo suspiro de frustração, ele levantou e começou a se preparar para o seu dia.

Minutos depois, bem depois de vestir a jardineira jeans por cima da camiseta rosa-choque, ele apanhou a mochila e saiu de casa, passando por dois corredores não muito amplos com uma parede laranja que ele particularmente achava horrível.

Quando finalmente chegou à rua, pôs seus fones de ouvido, colocou Blondie para tocar e então se misturou à multidão na calçada.

Pouco menos de uma hora depois ele caminhava por Beverly Hills em direção ao *Opera Cafe*, lugar onde trabalhava há pouco mais de um ano. É claro que trabalhar como garoto de programa poderia, por si só, garantir um padrão de vida relativamente alto, mas não era para aquilo que ele havia nascido, e trabalhar em um local frequentado por estrelas de Hollywood talvez pudesse ser uma das portas de entrada para esse mundo.

Era o que ele pensava, mas cada dia naquele local tinha sido o mesmo, nada demais acontecia e ele já estava começando a ficar frustrado. Não que fosse desistir do seu maior sonho, é claro, mas esperava ansiosamente por uma oportunidade há mais de dois anos e tudo o que havia feito eram comerciais de TV.

Tommy queria ser visto, mencionado, adorado.

Era para isso que ele havia nascido e não se importava se as pessoas reprovassem esse tipo de atitude. Talvez fosse um pouco egocêntrico demais, mas qual era o problema?

— Você está atrasado — disse um garoto moreno, na casa de seus 20 anos, enquanto limpava as mesas do lado de fora da cafeteria, um singelo estabelecimento com paredes beges e uma porta dupla madeira que dava para o interior.
— O quê? — Perguntou Tommy, tirando os fones do ouvido.
— Você está atrasado... E por que você não usa o uniforme?
— Amor, eu prometi a todas as minhas deusas que enquanto houver pessoas olhando para mim, eu estarei me vestindo bem.

O garoto riu.

Tommy caminhou pela cafeteria cheia de mesas vazias em direção à cozinha, onde encontrou Rose e Lila, duas mulheres de mais ou menos 30 anos que estavam conversando sentadas ao redor de uma pequena mesa quadrada.

— Quem está no balcão? — Perguntou ele, tirando a roupa ali mesmo para vestir o uniforme do trabalho.
— Agora, você — respondeu Lila.
— Imagina a cara do Sr. Perkins entrando na cozinha e encontrando um funcionário seminu — comentou Rose.
— Garanto que ele iria adorar.
— Por que você não vem de casa com o uniforme?

Com uma expressão irônica no rosto, ele ergueu a camiseta branca e marrom no ar, com o símbolo da cafeteria no canto esquerdo.

— Olha esse marrom, é horrendo.

Ao ouvir o sino na bancada da cafeteria, ele correu para o caixa e se deparou com um homem alto e bonito, usando um boné e um sobretudo cinza por cima do suéter preto e jeans rasgados. Era Roman Griffins, o homem de quem ele havia falado na noite anterior. Tommy ficou sem palavras, tinha quase certeza de que era a primeira vez que ele frequentava aquela cafeteria.

— Bom dia, bem-vindo ao Opera Cafe, em que posso ajudá-lo? — disse ele, repetindo a frase padrão do estabelecimento.
— Um cappuccino grande com mel e canela — o homem respondeu, sem tirar os olhos de Tommy, que percebeu e sorriu, desviando o olhar enquanto escrevia o pedido em um papel.
— Qual a forma de pagamento? — Tommy perguntou.
— Dinheiro.
— São 7 dólares.

Ele colocou o dinheiro sobre o balcão e ainda não havia desviado o olhar.

— Eu te conheço de algum lugar? — Perguntou.

O garoto sorriu novamente, enquanto colocava o dinheiro no caixa.

— Não acredito que frequentemos o mesmo círculo de amizades — respondeu ele, fazendo o homem rir —, mas se você assiste a muitos comerciais de TV, talvez tenha me visto.
— Ah, então você é ator?
— É minha aspiração, mas ainda não tive minha grande chance.
— Eu começo a gravar um novo projeto em junho — disse Roman.
— Eu sei, *Miami*, certo?
— Isso mesmo — respondeu, surpreso. — É um fã?
— Eu não queria parecer chato, mas sim, um pouco.

Roman riu de novo. Na verdade, mal conseguia disfarçar o interesse. Fascinação, talvez.

— Eu acho que você deveria vir.
— Para onde?
— Os testes de elenco começam na sexta, você provavelmente não leu muita coisa sobre porque estou tentando manter em segredo, mas acho que pode ser interessante, vi algo em você, acho que não me decepcionaria.
— Com certeza não.

Tommy agora estava de costas para ele, preparando seu pedido.

— Como assim?
— Eu sou bom, só isso.
— Um pouco convencido também, eu gosto.

O garoto virou a cabeça e olhou para ele com um sorriso pequeno. É claro que se sentia intimidado, mas saber seduzir um homem era seu trabalho.

— Você gosta?

— Sim, significa que você tem pelo menos um dos requisitos para ser uma estrela de Hollywood, atitude... Me diga, é isso o que você quer?
— Ser uma estrela de Hollywood?
— Sim.
— É meu único objetivo.

Tommy levou o copo até o balcão e cobriu com uma tampa de plástico.

— Eu quero ser famoso — disse ele, por fim, entregando o pedido ao homem.

Roman não respondeu prontamente, abriu a carteira e o entregou um pequeno cartão.

— Aqui está o endereço, os testes de elenco acontecerão lá, estou te dando a chance de ser um protagonista, você acha que consegue me surpreender?
— Eu tenho certeza. — O brilho nos olhos de Tommy ao pronunciar aquela frase denunciavam sua excitação.
— Então... até lá.
— Até... ah, muito obrigado!

O homem pegou o café e se dirigiu até a porta de saída, mas parou no meio do caminho e voltou para dizer algo.

— Estarei no *Bootsy Bellows* hoje à noite, se quiser passar por lá, podemos tomar uns drinks e conversar sobre o filme.
— Eu adoraria.
— Será nosso segredinho — ele brincou.